

O melhor é a água

Da antiguidade clássica aos
nossos dias

José Luís Brandão &
Paula Barata Dias (coords.)

ENTRE O FOGO E A ÁGUA.
REAL E SIMBÓLICO NA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DO MARTÍRIO
(*PACIECIDOS DE BARTOLOMEU PEREIRA, COIMBRA, 1640*)
(Between fire and water. Real and symbolic in the literary representation of
martyrdom [*Paciecidos* by Bartolomeu Pereira, Coimbra, 1640])

CARLOTA MIRANDA URBANO (camirurb@fl.uc.pt)
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos¹
Universidade de Coimbra
orcid.org/0000-0002-8073-6792

RESUMO - O presente estudo toma como *corpus* um poema épico novilatino (*Paciecidos libri duodecim*) da autoria do jesuíta Bartolomeu Pereira que celebra a vida e o martírio do Padre Francisco Pacheco juntamente com oito companheiros, queimados vivos, em Nagasaki, no ano de 1626. Publicado em 1640, o poema segue o modelo épico renascentista de tipo homérico-*virgiliano*. No estudo em causa, a autora trata o fogo e a água como motivos literários na representação do martírio, no contexto do imaginário bíblico e da tradição clássica. O estudo relaciona ainda o valor simbólico destes elementos com os factos históricos que lhe serviram de pretexto e conclui que, neste poema, a água representa simbólica e realmente o objeto de desejo essencial do homem.

PALAVRAS CHAVE - Literatura novilatina, martírio, jesuítas, água, fogo, humanismo renascentista, poesia épica.

ABSTRACT - The present study takes as its corpus a neolatin epic poem, *Paciecidos libri duodecim*, from the Jesuit Bartolomeu Pereira, celebrating the life and martyrdom of Father Francisco Pacheco as well as that of eight companions, burned alive in Nagasaki in 1626. Published in the 1640, the poem follows the epic Renaissance Homeric-Virgilian model. In this paper, the author studies fire and water as literary motifs in the representation of martyrdom, taking into account the context of biblical imagery and classical tradition. The paper also studies the symbolic value of these elements and the related historical facts, concluding that, in this poem, water represents the object of essential human desire in both symbolic and real-world contexts.

KEYWORDS - Neolatin literature, martyrdom, Jesuits, water, fire, renaissance humanism, epic poetry.

¹ Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2013, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Transivimus per ignem et aquam, et eduxisti nos in refrigerium. Introibo in domum tuam in holocaustis.

“Passámos pela água e pelo fogo, mas conduziste-nos à consolação. Entrarei na tua casa com holocaustos.”

Estes versículos do salmo 65 foram lidos pelos cristãos ao longo de séculos como prefiguração do martírio e dos mártires que desde a primeira hora foram elementos identitários e fundadores do cristianismo nascente.

Os apóstolos S. Pedro e S. Paulo, mortos em Roma, contribuíram com as suas cartas para uma leitura da perseguição e do martírio como participação no sacrifício por excelência, em que o próprio Deus se oferece como vítima na pessoa do Filho, tornando desnecessários os antigos sacrifícios oferecidos pelos homens.

S. Pedro dirige-se assim aos irmãos perseguidos:

“Caríssimos, não estranheis a fogueira que se ateou no meio de vós para vos pôr à prova, como se vos acontecesse alguma coisa estranha. Pelo contrário, alegrai-vos, pois assim como participais nos padecimentos de Cristo assim também rejubilareis de alegria na altura da revelação da sua glória.” (1 Pe 4. 12-13)

E S. Paulo diz de si próprio: “Alegro-me nos sofrimentos que suporto por vós e completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo...” (Col 1. 24).

Ao som destas palavras, despertou no cristianismo um desejo e um fascínio pelo martírio que nunca mais abandonou a fé cristã. Sempre que as circunstâncias o proporcionaram, homens e mulheres dispuseram-se sofrer a perseguição e a morte para não abdicar da liberdade de professar a sua fé: desde os cidadãos do império romano que, entre o séc. I e o IV, enfrentaram várias ondas de perseguição, até aos ‘Cristeros’ que enfrentaram o governo mexicano na guerra conhecida como *Cristiada*² nos anos vinte do século passado, ou mesmo os cristãos perseguidos hoje, no séc. XXI, nos países com forte expressão dos movimentos radicais islâmicos.

Assim, não constitui surpresa que no séc. XVII, quando a igreja japonesa muito jovem e surpreendentemente florescente se vê ‘encurralada’ pelo édito do Shogun Tokugawa que proíbe o cristianismo no Japão em 1614, surjam, quer entre os missionários europeus quer entre os cristãos locais, muitos mártires da fé que na velha Europa são profundamente admirados e celebrados pelos seus contemporâneos como verdadeiros heróis com a dimensão dos primeiros mártires do cristianismo.

² O termo épico deu título a uma produção cinematográfica de Dean Wright: *For Greater Glory: The True Story of Cristiada* (2012).

Uma vasto labor editorial encarregar-se-ia de divulgar na Europa os martírios destes heróis, não só nas cartas regulares que circulavam sobretudo dentro da Companhia de Jesus mas em relatos de martírios, em *Vidas* edificantes, em elogios e em poesia celebrativa. Esta literatura vinha habitualmente acompanhada de gravuras que reforçavam com o poder da imagem a eficácia devocional destas publicações. De um modo geral, a fogueira era a forma de execução mais comum, mas também a espada e a água eram instrumentos de execução. Diogo de Carvalho, jesuíta de Coimbra martirizado em 1624, p. ex., morreu mergulhado nas águas geladas onde resistiu durante 12 horas.

Numa época marcada por um certo espírito de refundação e redescoberta da identidade clássica que concede todo o protagonismo aos modelos literários da antiguidade, a poesia épica de cunho renascentista, de modelo greco-romano, como género literário sublime, é considerada a mais prestigiada para celebrar o heroísmo dos novos mártires do cristianismo, tivessem eles dado a vida pela fé na Europa agora dividida, na América ou na Ásia.

É o que acontece numa epopeia novilatina³ da autoria do jesuíta Bartolomeu Pereira, que tem por tema a perseguição e o martírio de missionários e cristãos japoneses depois do édito de expulsão. O caso concreto é o do Padre Provincial Francisco Pacheco, executado juntamente com oito companheiros jesuítas, europeus, e asiáticos, queimados vivos em Nagasaki no ano de 1626.

Na folha de rosto desta epopeia publicada em Coimbra no primeiro centenário da Companhia de Jesus, em 1640, podemos admirar uma gravura⁴ que representa o herói principal do poema, o Padre Francisco Pacheco, de joelhos e acorrentado, como vítima para o sacrifício, ladeado pelas chamas de uma fogueira e pelas águas do mar onde uma nau ostenta as armas de Portugal. Uma legenda reforça o valor simbólico da gravura: *ex utroque Paciecus*. De um lado e de outro, Pacheco, [mártir pela água e pelo fogo]. A gravura adquire pleno significado quando o herói no último canto do poema, momentos antes de morrer no fogo, se dirige ao próprio instrumento do martírio evocando com as suas palavras o autor do salmo 65 que citamos no início:

“Feliz aquele a quem foi dado poder passar pelo fogo e pelas águas! De um lado e do outro conspiram água e fogo, ambos elevam aos céus a minha glória.”
(*Paciecidos*, 12. 124-126)⁵

³ Pereira, Bartolomeu, *Paciecidos libri duodeviginti Decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus, Lusitanus Ponslimiensis, e Societate Iesu, Iapponiae Prouincialis eiusdem Ecclesiae Gubernator, ibique uiuus pro Christi fide lento igne concrematus Anno 1626.(...) Coninbricae, Emmanuelis de Caruallho Vniuersitatis Typographi Anno. 1640*

⁴ Veja-se a figura 1, no final deste texto.

⁵ *Felix ille, datum tantos cui posse per ignes/ perque undas transire! Vnda hic conspirat, et inde/ ignis; uterque meos in caelum attollit honores.*

Tal como os que outrora passaram pela água e pelo fogo, este novo herói pode, conforme as palavras que o poeta coloca na sua boca, entrar na glória, no *refrigerium* de que fala o salmista, na terra dos vivos, na morada divina.

E, de facto, Francisco Pacheco passa pela água e pelo fogo no seu sentido literal. O *Paciecidos*, designação do poema épico de que falamos, com recurso aos habituais artificios narrativos das analepses e prolepses, concede relevo literário e simbólico aos factos reais da biografia do herói. Como se compreende num poema que celebra o empreendedorismo missionário jesuítico, aí estão representadas as contingências e as aventuras das viagens que os missionários, juntamente com os navegadores portugueses, arriscavam para chegar às suas terras de missão. Aí se dá relevo não só à viagem de Francisco Pacheco para o Oriente mas sobretudo à viagem por mar que o herói e outros foram forçados a fazer quando expulsos do Japão e à viagem de regresso ao Japão, na clandestinidade, para poder continuar a prestar assistência aos cristãos japoneses. Nem falta o ingrediente do naufrágio a que Pacheco sobrevive. Depois da prisão e da morte na fogueira, as cinzas de Pacheco e dos companheiros são lançadas nas águas por ordem do governador, para que os cristãos não as possam venerar.

Água e fogo, portanto, estão realmente presentes na matéria da epopeia e, na linha da tradição literária celebrativa do martírio, vão constituir dois símbolos eloquentes do seu significado como sacrifício redentor.

O fogo, que no universo cristão carrega a carga simbólica do suplício da condenação eterna, também significa purificação e até mesmo o próprio Deus e o amor divino. Deus fala a Moisés na sarça ardente (Ex 3, 2) e em textos como os Atos dos Apóstolos associa-se Deus, Espírito, ao fogo (Act 2, 3). A água, por sua vez, significa origem primordial e vida. Lembremos apenas que no Livro do *Génesis* (Gn 1, 2) se diz que, no princípio, o espírito de Deus se movia sobre as águas, ou que Deus ‘recria’ o mundo através do dilúvio, imagem em que a exegese cristã lê a prefiguração do baptismo. Comum a estes dois elementos, água e fogo, é o seu significado simbólico de instrumento de purificação, de destruição de uma realidade velha para dar lugar a uma realidade nova.

No poema de Bartolomeu Pereira, água e fogo conspiram contra os heróis mas simultaneamente água e fogo são as condições necessárias para que se realize o martírio que é a matéria épica propriamente dita.

Quando Francisco Pacheco sobrevive ao naufrágio, vem ao seu encontro uma figura feminina, alegoria da Piedade, que recorda ao leitor acostumado com os épicos clássicos o episódio de Ulisses e Nausícaa. Esta figura alegórica profetiza ao herói um sepulcro nas águas:

“esses teus feitos permanecerão no mais fundo do meu peito e não hão de morrer; em sinal de gratidão, estou a preparar-te, magnífico herói do Lima, e aos teus companheiros, um ilustre sepulcro no meio do Oceano.”
(*Paciecidos* 9. 339-342).⁶

A profecia vem a concretizar-se quando o Rio Lima, retomando o motivo recorrente na épica clássica da personificação dos rios,⁷ encerra o poema com uma longa prosopopeia. Dirigindo-se às suas próprias ondas, ordena-lhes que peçam a Neptuno para acolher no seu seio os despojos do herói Pacheco que tantas vezes habitou as suas ondas. Uma vez que a terra é pequena para receber cinzas tão valiosas, será o Oceano a construir para elas uma urna de cristal, serão as ninfas a adorná-la de conchas, corais e pérolas... Um cortejo marinho em grande pompa conduzirá o féretro: os golfinhos, Nereu, Proteu, Glauco... ao som das doces harmonias da Sereia (*Paiecidos* 12. 377-441).

Este mesmo motivo do mar como sepulcro de mártires fora já celebrado por Prudêncio a propósito do martírio de S. Vicente de Tarragona, cujo corpo o tirano faz lançar ao mar, atado a uma pedra, para que aí se despedace e dilacere. Como reza a lenda, porém, o corpo do mártir teria dado à costa.⁸ Mais tarde, também Walafridus Strabo felicitaria as águas que receberam o sangue e os corpos dos mártires da ‘Legião tebeia’ no seu hino *De Agaunensibus Martyribus*.⁹

No *Paciecidos* o mar é ainda um grande campo onde as cinzas dos mártires são como sementes que darão fruto em novos missionários que por mar hão de chegar para acudir à igreja japonesa em aflição. Desenvolvendo uma citação implícita de Tertuliano (*semen est sanguis Christianorum. Apologético* 50. 13), o poeta anuncia ‘profeticamente’ no plano da epopeia a chegada de novos missionários para a igreja do Japão, quando se refere ao tirano que manda lançar as cinzas dos mártires ao mar:

⁶ *Gratarer uenio, numquam moritura sub imo/ Corde mihi tua facta manent; pro munere magnum/ Iam nunc Oceano in medio tibi magne sepulcrum/ Limiades, sociisque paro...*

⁷ Recorde-se na *Iliada* a personificação do rio Escamandro: (*Il.* 21. 324-327). Também na *Eneida* encontramos o motivo da personificação, desta vez do Rio Tibre, que revela uma profecia a Eneias (*A.* 8. 31-65). Camões retomaria o tema no sonho de D. Manuel, a quem aparecem os rios Indo e Ganges (*Os Lusíadas*, 4. 73).

⁸ É no *Peristephanon* 5 que Prudêncio (séc. IV-V) canta o martírio de S. Vicente, morto em Valência durante a perseguição movida por Diocleciano. Sobre a ‘sepultura’ do corpo do mártir nas águas do mar veja-se sobretudo os versos 433 a 520.

⁹ Os mártires de Agauno são conhecidos também por ‘legião tebeia’, por serem um grupo de soldados cristãos oriundos da Tebaida. Sob a perseguição de Diocleciano, estes soldados recusaram integrar um sacrifício em honra dos deuses e foram martirizados junto ao lago Lemano (c. 286). O seu culto está documentado desde o séc. IV. No séc. IX, W. Strabo, poeta da Renascença Carolíngia, discípulo de Rabano Mauro, celebrou deste modo as águas que receberam as relíquias: *O quam nobilis unda, quae beatas/ soluens exequias, lauare plagas/ et secum meruit sacrata ferre/ et se corpora possidere circa.* (Raby 1953: 188).

“Assim que as suas almas subiram à morada celeste, caíram os troncos e as piras desmoronaram-se. Já apenas uma réstia de fumo se erguia no ar e nas cinzas arrefecidas cintilavam algumas faúlhas, já todo o fogo, todas as chamas se tinham extinguido. Não pôde arrefecer, porém, a ira do feroz tirano; O seu ardor, a sua chama não sucumbe, e enfurecendo-se ainda mais que até então, manda lançar sobre as ondas do mar, espalhar pelos campos de Tétis, estas piedosas cinzas. Mal sabe ele que lança à água fecundas sementes, para que os campos de Neptuno, férteis, todos os anos te rendam uma colheita de jesuítas, e te retribuam com lucro, ó Japão!

Olha para as armadas vindas da costa da Europa, quantos companheiros! vê que generosa colheita eles te trazem! É abundante, a ceifa do mar. Não foi vã a esperança que alimentou esta semente, e ela responderá à ânsia das tuas preces, quando receberes, regressando a ti, da cidade de Rómulo, Semedo, esse ‘Catão já rapado’, com veste e aparência culta,¹⁰ entrando pela tua costa, e trazendo consigo uma apaixonada prole do Lácio e de Portugal.”¹¹

Água e fogo não deixam de significar também pela antítese que representam como dois elementos opostos. Paradoxalmente, água e fogo representam simbolicamente o objeto do desejo dos heróis do poema que anseiam pela consumação do martírio. É o que podemos ver por exemplo nas últimas palavras do herói antes de morrer nas chamas:

“Ó fogueira! Ó meta tão desejada das minhas preces! Como a vossa demora afligia o meu peito, afligia a minha alma! Mas viestes, finalmente; em boa-hora vinde, para que pelo fogo me purifique, e o ouro se expurgue das impurezas

¹⁰ O P.^c Álvaro Semedo, missionário português na Índia (desde 1608) e na China (desde 1611), viajava pela Europa como legado de Roma na altura da publicação do *Paciecidos* (entre 1637 e 1645), com planos de regressar ao Oriente, como viria a acontecer em 1645. O P.^c Semedo, foi, como informa Bartolomeu Pereira nas suas notas ao poema, o primeiro que chegou a Portugal com a barba crescida até ao peito, segundo o costume da China. Como informa ainda a nota do poeta, esperava-se à altura que ele regressasse à China e ao Japão com numerosos companheiros. Entende-se que o P.^c Semedo seria no regresso um ‘Catão já rapado’, porque nos anos de viagem pela Europa, readquirira o costume de rapar a barba, e teria assim aquela ‘veste e aparência culta’, isto é, ao modo europeu.

¹¹ *Dum sic aethereos animi subiere penates, / Ligna cadunt, posuere rogi; uix fumus in auras / Ibat iners, uix scintillabant busta fauillis / Frigida, iamque ardor, iam flamma quieuerat omnis. / Non tamen ira feri potuit frigere tyranni; / Non ardor, non flamma cadit; crudelior ille / Saeuit adhuc, cineresque pios super aequoris undas / Deferri, Tethydisque iubet diffundier aruis. / Inscius ille undis felicia semina mandat, / Iesuadum ut segetem Neptunia rura quotannis / Laeta ferant, reddantque tibi cum fenore, Iapon. / Aspice ab Europae uenientes litore classes, / Quot socios, quantasque ferant tibi, conspice, messes. / Fertlis undarum seges est, nec semen inanes / Spes alit; et uotis tunc respondebit auaris, / Cum tibi Romulida redeuntem ex urbe Catonem / Iam tonsum, cultoque habitu uultuque Semedum / Excipies, Latia numerosum prole per oras / Intransentem, et Lysiam commotam ab sede trahentem.* 12. 319-337.

nele misturadas! Recebei, ó chamas, nas vossas cinzas estes membros envelhecidos que o nosso zelo e as nossas lágrimas, que o mar tantas vezes percorrido, os mil perigos enfrentados nas ondas mereceram. Feliz aquele a quem foi dado poder passar pelo fogo e pelas águas! De um lado e do outro conspiram água e fogo, ambos elevam aos céus a minha glória” (*Paciecidos* 12.117-126).¹²

O fogo e a água são ainda imagem da comunhão plena dos heróis quer entre si quer com o espírito de amor divino que os congrega.

É o que vemos, por exemplo, nas palavras de João Batista Zola, jesuíta italiano, quando se encontra no cárcere com Francisco Pacheco e no plano da epopeia profetiza a morte de ambos na fogueira:

“Ó bem-aventurado dia em que deixei a pátria Itália e os campos de Brescia! Feliz o dia em que deixei as doces praias de Portugal e a rica Índia! Mais feliz ainda, o dia em que uma vez a ilha do Japão nos recebeu quando aqui chegávamos! Feliz este dia único entre todos, em que finalmente este único amor nos reuniu, no mesmo cárcere nos guardará, e no fogo último nos consumirá.” (*Paciecidos*, 5. 41-48).¹³

As palavras de Baptista Zola farão eco no final do poema. A fusão dos corpos pelo fogo e na água é aproveitada pelo poeta como representação do vínculo de unidade que congrega os missionários entre si e com o amor em si mesmo, o Deus que desejam. Numa longa apóstrofe em que o poeta se dirige às cinzas dos mártires diz-lhes:

“Vós, porém, ide, pias cinzas, usadas e acostumadas aos perigos do mar, ide, congregadas no cimo das ondas. Esta união de morte, não há cárcere, nem chama feroz, nem onda que a possa romper”(*Paciecidos*, 12. 338-341).¹⁴

A fusão no fogo e na água é também símbolo de glória. O facto de os heróis serem privados do sepulcro, motivo de desonra no código épico clássico, torna-se

¹² *O Pyra, et o uotis meta exoptata, moraque/ Affligens animum hunc, affligens pectora, tandem/ Venisti; uenias felix! Quo purius ignis/ Excoquat, immistisque expurget faecibus aurum!/ Accipite in cineres haec membra senilia, flammae,/ Quas studia et lacrymae nostrae meruere, fretumque/ Sulcatum toties et mille pericula in undis./ Felix ille datum tantis cui posse per ignes,/ Perque undas transire! Vnda hinc conspirat, et inde/ Ignis; uterque meos in caelum attollit honores.*

¹³ ... *proh felix nimium lux illa, paternam/ Qua fugit Italiam, Brixanaque rura reliqui,/ Illa etiam felix, dulces qua liquimus oras/ Lusiadum, ditemque Indum, felicior illa, qua nos Iapponum uenientes insula quondam/ Exceptit, felix haec iam magis omnibus una,/ Qua nos unus amor tandem coniunxit, et idem/ Carcer habet iunctos, atque ultimus ignis habebit.* 5. 41-48.

¹⁴ *Sed uos, aequoreis noti assuetique periclis,/ Ite pii cineres, indiscretique supremis/ Fluctibus; haec tanti commercia rumpere leti/ Non carcer, non flamma ferox, non unda ualebit.* 12. 338-341.

aqui motivo da maior honra: não ficam os sepulcros nem as suas inscrições a perpetuar a memória dos que morreram mas os vindouros, ao ver que não resta vestígio dos seus corpos, pensarão que foram arrebatados pelos anjos para os céus.

Fogo e água são ainda simbolicamente, como acima dissemos, o próprio objeto de desejo dos mártires. Depois de presos e condenados, só anseiam pelo momento do martírio em que se confundirão com o fogo, o fogo real do sacrifício em que eles são a vítima e o fogo do amor divino em que alcançarão o *refrigerium*, a consolação eterna. A expressão deste desejo é ainda enriquecida pela exploração da antítese água/fogo. Estes, em vez de se anularem mutuamente, provocam-se:

“Mas nas lágrimas recrudescer o seu amor e recobra as forças adormecidas, como com as gotas de água cristalina, o fogo, atacado, se irrita e recupera o seu vigor. E o mesmo ardor a todos possui. A ira cruel dos guardas, a morte viva, todo o género de atrocidade, beberam-no com avidez, e sofriam de rosto alegre” (*Pacificados*, 5. 154-159).¹⁵

Já próximo do desenlace final, no canto XI, Bartolomeu Pereira retomará esta antítese como expressão da sede espiritual dos mártires, sede a que só a morte porá fim.

“Tal como quando, no vale deserto, a seta do caçador atinge o cervo errante e este se põe em fuga, arrastando a seta cravada no peito, voa por campos e desfiladeiros, atravessa os amenos prados cobertos de flores, percorre as plantações e não se detém, até que na fonte desejada, sacia a sua sede, repousa os membros cansados, já a morrer, e pela ferida trespassada perde a vida. Assim também eles se apressam, dirigindo-se ao casario e à soberba muralha de Nagasaki, onde entram, cercados pela sua escolta” (*Pacificados*, 11. 540-548).¹⁶

O texto de Bartolomeu Pereira cruza dois símiles da *Eneida* com a metáfora bíblica do veado sequioso em busca de água. À imagem que compara Dido, ferida de amor, a uma gazela ferida (4. 68-73), o poeta acrescenta a sugestão do cervo em fuga (12. 749-755), fazendo-o, porém, morrer, na micro narrativa,

¹⁵ *Sed lacrymis crudescit amor, uiresque resumit/ Sopitas, uitreae ceu lymphae aspergine crescit,/ Adtollitque animos, laesusque irascitur ignis./ Idem omnes simul ardor habet, saeuosque furores/ Custodum, uiuasque neces, et quidquid acerbum est/ Exhausere auidi, et laeta sic fronte tulere;* 5. 154-164.

¹⁶ (...) *ceu ualle reducta/ Cum ceruum errantem fixit uenantis arundo;/ Ille fugit, fixamque trahens sub corde sagittam,/ Perque agros saltusque uolans, pertransit amoena/ Prata rosis, herbasque terit, nec sistit, amato/ Donec fonte sitim, et defessos irrigat artus/ Iam moriens, fixoque animam sub uulnere ponit./ Sic instant, breuiterque domos, murosque superbos/ Nangasaqui adeunt, septique cohortibus intrant.* 11. 540-548.

depois de saciada a sua sede. Bela imagem para ilustrar a ansiedade com que os prisioneiros avançavam para a fogueira onde saciariam a sua sede, tal como o veado do Salmo 41, ansiando pela torrente das águas.¹⁷

Fogo e água são também, no universo desta epopeia, além de elementos rivais, instrumentos de poderes superiores que, dominados pelo auxílio divino dão testemunho do poder intercessor dos mártires e santos, o que no contexto das polémicas doutrinárias levantadas pelas reformas, adquire um valor particular. O *Paciecidos*, de resto, longe de se alhear, participa plenamente desse debate assumindo a defesa da ortodoxia católica.

Um episódio que relata o combate entre a nau onde viajava Francisco Pacheco e uma embarcação de piratas holandeses oferece-se a uma leitura límpida do triunfo que resulta da aliança entre ação humana, oração e graça. O combate tem lugar ao largo da Iha de S. Lourenço (assim referida pelo poeta embora já fosse então também conhecida como Madagáscar, ilha com o nome e proteção de um dos mais antigos mártires da Igreja. Quando a situação dos portugueses caminha para o desespero, quase vencidos pelos holandeses (estes, auxiliados pelas figuras alegóricas da Impiedade e da Heresia), são a atitude confiante, a prece dirigida a S. Lourenço, a persistência no combate às chamas que alcançam para os portugueses a graça do auxílio divino. Este é visível na vitória da água sobre o fogo:

“Então, no meio destas chamas, voltando o olhar para os céus, suplicamos ao grande S. Lourenço com estas palavras aflitas: ‘Divino S. Lourenço, a cujo poder esta terra se consagra, a quem agradaram as chamas, o suplício da dura grade, a fogueira, as labaredas e os grandes incêndios.¹⁸ Concedei o vosso auxílio a este navio em chamas, refreai Vulcano em fúria, voltai este fogo horrível e este presságio contra o inimigo, e dai aos portugueses novas armas e valentia’. Entretanto, os marinheiros persistem em combater o incêndio que deflagrava e, rapidamente, com a graça do céu, fogo e ventos acalmam; Vulcano, dominado pela água, extingue-se. A partir de então, a coragem regressou ao coração dos portugueses; A guerra estremece-lhes na alma e no rosto¹⁹, o céu imenso e o mar ressoam e as enseadas da costa repondem com um eco profundo” (*Paciecidos* 8. 305-317).²⁰

¹⁷ Cfr. *Sl* 41. 2 “*Quemadmodum desiderat ceruus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te Deus.*”

¹⁸ Martirizado no séc. III durante a perseguição de Valeriano, Lourenço morreu queimado sobre uma grelha. Também este mártir é celebrado por Prudêncio, *Peristephanon* 2.

¹⁹ Ressonância de Estácio (Stat. *Theb.* 593).

²⁰ *Atque inter flammis caeli conuexa tuentes/ Sic magnum afflicta Laurentum uoce precamur: 'O Diue, haec sacro cuius sub numine terra est,/ Cui nimium placuere ignes, cui ferrea crates,/ Atque rogi, atque faces, atque alta incendia cordi,/ Da dextram nauis incensae, da frena furenti/ Vulcano,*

O episódio tem um significado peculiar, não só no contexto da epígrafe do poema (*ex utroque Pacieco*) mas do ponto de vista da sua leitura no âmbito daquelas polémicas doutrinárias. Num poema que celebra o martírio, este pronto auxílio do mártir já glorificado, testemunha o poder intercessor dos santos, que assim ‘salva’ para o martírio os missionários que seguiam na nau portuguesa. Na tensão entre graça e livre-arbítrio ganha visibilidade a sinergia entre ambas na redenção humana.

Mas uma leitura mais distanciada do episódio diz-nos algo mais ainda sobre o significado simbólico da água nesta epopeia. No sistema maravilhoso do *Paciedos*, como habitualmente na poesia de modelo homérico-virgiliano, o mundo divino encontra-se bipolarizado. No lado favorável ao herói está naturalmente o panteão cristão composto de Deus Pai, alegorias de virtudes, prosopopeias de elementos naturais e até algumas divindades greco-romanas. Opondo-se ao herói temos as divindades infernais, que podem ser figuras budistas, demónios em geral, alegorias de vícios ou ainda divindades greco-romanas. Ora, nesta divisão de deuses greco-romanos entre os dois polos parece-nos que governou um critério, eventualmente inconsciente no poeta, mas que não podemos deixar de assinalar na medida em que caracteriza o seu imaginário: as divindades pagãs que surgem no poema associadas à fação favorável, ao pólo cristão portanto, são na maioria divindades ou figuras míticas do mundo aquático — *Neptuno*, a Sereia, o Rio Lima, as figuras que compõem o cortejo marinho, Nereu, Proteu, Glauco — só Apolo, invocado pelo poeta quando este quer narrar os meses de cativeiro no cárcere, não pertence à água, mas de qualquer modo a sua invocação ocorre em contexto de oposição ao mundo telúrico. Mar e a água são assim conotados com o bem, o que de resto é comum nos povos que vivem em zonas litorais.²¹

A água é, sem dúvida, conotada com o bem no imaginário desta epopeia. No entanto, pode ser instrumento dos poderes do mal e, aos olhos do perseguidor, é causa de sofrimento e ameaça. Na perspectiva do mártir, e assim na do poeta, a água, ainda que instrumento do martírio, mais do que simplesmente conotada com o bem, tem um sentido mais profundo. Ela é a ‘água viva’, no seu sentido bíblico, é fonte de vida, no sentido real e simbólico. Fogo e água são, por isso, a um tempo, os elementos naturais que ‘conspiram’ contribuindo para a destruição

foedosque rogos, atque omen in ipsos/ Verte hostes, Lysiisque animos et tela ministra./ Haec inter nautae insistunt occurrere flammae/ Grassanti, breuiterque ignes caelo auspice et aura/ Exstinguunt; Vulcanus, aqua superante, resedit./ Hinc iterum Lysiis redit in praecordia uirtus;/ Arma animis, arma ore fremunt, caelum intonat ingens/ Atque aequor, gemitumque alta caua litora reddunt.

²¹ Já nos povos do Médio Oriente Antigo, é o mal que é conotado com o mar. Assim se entende que o imaginário do cristianismo primitivo de raiz semítica tenha colocado o Anjo Mau no fundo do mar (*Apoc.* 13, 1) o que viria a colocar nas mãos do Diabo o tridente de Neptuno.

aparente dos heróis da epopeia, mas são também o objeto do seu desejo essencial, porque simbolicamente significam o fogo divino do amor e a fonte da vida em que os mesmos heróis realizam a gesta épica, no plano humano e no divino.



Figura 1. Folha de rosto da primeira edição do *Pacificados libri duodecim* (...) Coninbricae, Emmanuelis de Carualho Vniuersitatis Typographi, Anno 1640.

BIBLIOGRAFIA

- Grandpont, A. Guichont (1887), *La Paciecide. Épopée en douze livres en honneur du très illustre Père François Pacheco, portugais de Ponte de Lima par Barthélemy Pereira SJ, traduction par A. Guichont de Grandpont*. Paris.
- Gregory, Brad S. (1999), *Salvation at stake. Christian Martyrdom in Early Modern Europe*. Cambridge, Massachusetts, and London, England, Harvard University Press.
- Lestringant, Frank (2004), *Lumière des Martyres*. Paris, Honoré Champion.
- Pereira, Bartolomeu (1640), *Paciecidos: libri duodecim: decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus Lusitanus, Pontlimiensis, è Societate Iesu, Japponiae Provincialis eiusdem Ecclesiae Gubernator, ibique uiuus pro Christi fide lento concrematus anno 1626*. Conimbricæ, Expensis Emmanuelis de Carvalho.
- Prudêncio, Aurélio Clemente (1981), *Obras Completas*, Edicion bilingue preparada por Afonso Ortega e Isidoro Rodriguez, Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid.
- Raby, F. J. E. (1953 2ª ed.), *A History of Christian-Latin Poetry*. Oxford.
- Torres, Amadeu (1995), “A ‘Paciecidos libri XII’ e a sua versão francesa de 1887”, *Humanitas* 47: 861-870.
- Torres, Amadeu (1993), “A arquidiocese de Braga e a expansão da Fé: nos 350 anos da *Paciecidos Libri XII*, sep. de *Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 anos da Dedicção da Catedral*. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 243-252.
- Torres, Amadeu (1993), “O poema *Paciecidos libri XII*... e a evangelização do Japão”, *Atas do Congresso Internacional de História — Missionaçção Portuguesa e Encontro de Culturas*, 4 vol. II. Lisboa, Braga, 335-342.
- Urbano, Carlota Miranda (2000), “O epigrama de Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo em louvor do P. Diogo Carvalho, mártir no Japão (1624)”, *Boletim de Estudos Clássicos* 33: 107-114.
- Urbano, Carlota Miranda (2004), “‘*Mori lucrum*’ O ideal de missão e martírio e as missões jesuítas do extremo Oriente nos séc. XVI e XVII”, *Biblos* n.s. 2: 131-153.
- Urbano, Carlota Miranda (2007), “Para que servem os heróis? Ideal de missão e martírio na pedagogia espiritual jesuítica (séc. XVI-XVII)”, in Gonçalves, M. et alii, *Repensar a escola hoje. O contributo dos jesuítas*. Braga, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia, 505-518.
- Urbano, Carlota Miranda, (2010) “Mitizzare la storia”. Epica Agiografica nel Seicento: Il Poema *Paciecidos* (1640) su P. Francisco Pacheco SJ, martire a Nagasaki”, Ferrer, Luis Martínez ed., *Venti Secoli di storiografia ecclesiastica. Bilancio e prospettive*. Roma, Pontificia Università della Santa Croce, 327-338.

Urbano, Carlota Miranda (2005), “The Paciecidos by Bartolomeu Pereira SJ. An epic interpretation of evangelisation and martyrdom in 17 th century Japan.”, *Bulletin of Portuguese Japanese Studies* 10/11: 61-95.